

**GÊNEROS TEXTUAIS
E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Carine Camara Bizerra (UNIGRANRIO)
carinecamara@hotmail.com

1. Introdução

É grande a diversidade conceitual em pesquisas alicerçadas por análise dos gêneros textuais (BAKHTIN, 2003; KOCH e ELIAS; 2010; MARCUSCHI, 2003, entre outros), dentre elas destacam-se os autores que proporcionaram a base teórica deste trabalho. Dentre outros aspectos os gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem ganham destaque nas considerações de diversos autores.

Levando em conta o ensino de gêneros textuais nas salas de aula brasileiras, o objetivo deste trabalho é proporcionar uma visão geral sobre o conceito de gêneros textuais e reconhecer sua contribuição no ensino de línguas.

Considerando os gêneros textuais como formas verbais orais e escritas, este estudo trata deste elemento que auxilia a interação do homem na sociedade.

2. Gêneros textuais: conceito

Nossa relação cotidiana com textos nos possibilita a prévia noção de que há textos com formato próprio e propósitos específicos, em outras palavras, têm o que Marcuschi (2008, p. 155) denomina “padrões socio-comunicativos característicos”, definidos por este autor como “composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizadas na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

É grande a diversidade conceitual dos gêneros textuais, característica da variedade de correntes. Para Bakhtin (2003), que trata como gêneros do discurso, estes são resultado de um enunciado em “formas-padrão relativamente estáveis”. Visto que falamos e escrevemos por meio de gêneros discursivos, estes são determinados sócio-historicamente. Os gêneros do discurso são dados, segundo Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos

livremente até começarmos o estudo de gramática”.

Os gêneros textuais auxiliam o indivíduo a interagir nas práticas sociais e é por meio deles que temos a noção de como nos comportar/agir de forma conveniente nas mais diversas ocasiões. Há de ser levada em conta a escolha que o sujeito faz, e esta é determinada em relação à esfera pela qual o discurso transitará, pelos participantes e pelo conteúdo temático. Bakhtin comenta que o estilo do discurso é definido a partir do conceito que o locutor tem a respeito de seu destinatário. De acordo com Schneuwly (1994 *apud* KOCH e ELIAS, 2010b, p. 61),

Os gêneros podem ser considerados ferramentas, na medida em que um sujeito – o enunciador – age discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com ajuda de um instrumento semiótico – o gênero.

Diante destas concepções podemos tomar como exemplos de gêneros textuais: a carta, o telefonema, o sermão, a aula expositiva, aulas virtuais, resenha, edital de concurso, horóscopo, receita culinária, bula de remédios, carta eletrônica, conferência e assim por diante.

O que foi tratado inicialmente como “noção prévia” é tratado por Koch e Elias (2010a) como *competência metagenérica*, que para estas autoras é por meio desta competência que o sujeito tem a possibilidade de uma interação, permitindo-o não só diferenciar os diversos gêneros, como também, identificar as práticas sociais que solicitam, o que auxilia na interação de forma conveniente.

É válido ressaltar que os gêneros textuais vão sofrendo modificações em consequência do momento histórico em que estão inseridos, variam, e esta é uma característica importante ao tratar de língua, conforme Luft (2006, p. 62) “cada um sabe a língua, a sua língua, a que ele fala: a seu tempo, da sua região, da sua classe social, e segundo a maneira pessoal de internalizar”. Portanto, a língua é entidade viva e os gêneros textuais, por sua vez, sofrem consequências desta variação, pois, graças à utilização da língua e a infinidade de situações sociocomunicativas também os gêneros serão infinitos. Koch e Elias (2010a, p. 101) confirmam esta consideração quando afirmam que os gêneros “são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros”.

É por conta desta diversidade que Bakhtin (2003) denominou “classificações” para os gêneros do discurso, aos quais considera como: *primários*, aqueles utilizados em situações espontâneas, informais e se-

cundários, que são os mais complexos e elaborados, em outras palavras, o que os difere é o nível de complexidade e a maneira que apresentam os enunciados verbais.

A respeito desta “classificação”, Bakhtin acredita que aspectos como: conteúdo temático, plano composicional e estilo devem ser levados em conta. Quanto a estes aspectos, Koch e Elias (2010b) explicam que do ponto de vista da composição de gêneros deve ser considerada a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos verbais (cor, padrão gráfico, as ilustrações), do ponto de vista do conteúdo temático acredita-se que este diz respeito ao tema esperado no tipo de produção em destaque, e em se tratando de estilo, refere-se ao tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação.

Há ainda um fenômeno denominado *hibridização* ou *intertextualidade intergêneros*, este é o fenômeno no qual um gênero pode assumir a forma de outro gênero.

Os gêneros textuais são formados por sequências diferenciadas denominadas *tipos textuais*. Marcuschi (2008, p. 154) explica que, “tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}” e ainda acrescenta que “caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas”, estas abrangem cerca de cinco características, conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

De modo geral cada sequência tem características próprias:

- Narrativa – apresenta uma sucessão temporal/causal;
- Descritiva – caracterizada pela apresentação de propriedades, qualidades, elementos componentes de uma entidade, sua situação no espaço;
- Expositiva – tem-se a análise ou síntese de representações conceituais numa ordenação lógica;
- Injuntiva – tem como marcas principais os verbos no imperativo, infinitivo ou futuro do presente, apresenta prescrições de comportamento ou ações sequencialmente ordenadas;
- Argumentativa – apresenta uma ordenação ideológica de argumentos e/ou contra argumentos.

Em linhas gerais os gêneros textuais são considerados enunciados em “forma-padrão relativamente estável” denominados sócio-historicamente e é por meio deles que os indivíduos são capazes de interagir em práticas sociais.

3. Gêneros textuais no ambiente escolar

Neste item, é importante destacar que a educação tem por finalidade a humanização dos indivíduos, segundo Saviani (2003, p. 13), “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta, intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Cabe, portanto, neste estudo relacionado aos gêneros textuais, questionar: Quais são as considerações sobre estes gêneros, que fazem parte do cotidiano, são produzidos de geração em geração e constituem conhecimento já elaborado pela sociedade, propostas no ambiente escolar? Prioritariamente nos PCN, já que foram elaborados com o objetivo de “criar condições, nas escolas, que permitam os nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania”.

Marcuschi (2008) acredita que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais têm dificuldade em selecionar os gêneros mais adequados para a produção e para a leitura e ainda afirma que há uma “visão redutora” no que diz respeito à diversidade de produção textual. Esta dificuldade de seleção dos gêneros é oriunda da multiplicidade de gêneros existentes.

Este filósofo da linguagem ainda deixa claro que “há muito mais gêneros na escrita do que na fala” (MARCUSCHI, 2008, p. 207), entretanto, a posição defendida nos PCN é de que a língua falada e a língua escrita “não se opõem de forma dicotômica”, e considera correto este posicionamento.

Marcuschi (2008, p. 209) explica suas considerações sobre os PCN:

Consideram-se apenas os gêneros com realização linguística mais formal e não os mais praticados nas atividades linguísticas cotidianas. Isso não seria ruim se houvesse atenção para um maior número de casos e situações. Além disso, falta noção da gradação de que se fala em outras partes dos PCN. Também é curioso que se tomem gêneros diversos para tratar a produção e compreensão.

Acredita-se, portanto, que há necessidade de avanço nas questões de gênero no âmbito educacional, considerando alguns fatores relevantes para que as inovações sejam realizadas no ambiente escolar, como: o avanço da tecnologia, que também propõe mudança na sociedade no que se refere à língua e, por sua vez, nos gêneros do discurso, podendo tomar como exemplo, a chegada dos *e-mails*, de modo geral, das interações *on-line*, assim como as novas abordagens educativas.

4. Contribuição no ensino de línguas

A proposta dos gêneros em sala de aula é bastante relevante. Exemplo disto é visão de Bakhtin (1979 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 208), que “aponta os gêneros textuais como esquemas de compreensão e facilitação da ação comunicativa interpessoal” e é pertinente considerando que, no âmbito educacional, há um processo mediador entre a vida do indivíduo e a sociedade, não restringindo o aprendizado e uso destes gêneros discursivos a sala de aula, o educando, quando exposto aos gêneros e quando assimila este conhecimento não somente como empírico (já que a capacidade metagenérica facilita a diferenciação dos gêneros), mas diante de um processo pedagógico, como um conhecimento científico. Nas palavras de Facci (2004, p. 234), “a apreensão do concreto nas suas múltiplas determinações requer mediação do abstrato, que é o conhecimento produzido historicamente.” E ainda acrescenta “é através do abstrato que o indivíduo pode conhecer a realidade concreta e transformar essa realidade”

Como manifestações históricas, os gêneros discursivos estão associados à comunicação, portanto, estes são auxiliares no convívio social do homem, propondo-o criar e modificar, e a linguagem e elemento fundamental na interação com o meio, em outras palavras, o ensino de gêneros possibilita o educando além de aprimorar a habilidade de decodificação da língua, compreender, modificar, comunicar e exercer um papel ativo na sociedade em que está inserido.

Portanto, cabe aos docentes fornecer elementos de interesse para o ensino em sala de aula, pois segundo as concepções de Vygotsky discutidas em Facci (2004), o conhecimento deve ser antecipado por uma sensação de sede e, o momento de emoção e interesse deve ser o ponto de partida para todo o trabalho educativo. Orientado por Freud, Vigotski afirma, em sua obra *Psicologia pedagógica: edição comentada* (2003) que o homem age movido pelo princípio da satisfação e pela repulsa do

sofrimento. Por este motivo, nossas instituições educativas devem estar atentas ao currículo, possibilitando ações voltadas para o interesse dos educandos, que permitam a relação de surpresa e do inesperado com as questões trabalhadas em sala de aula.

5. *Considerações finais*

Este trabalho teve como proposta conceituar os gêneros textuais e mencionar contribuição que estes podem trazer no ensino de línguas, tanto língua materna quanto de língua estrangeira, e esta contribuição vai além do aprendizado do código.

Koch e Elias (2010a) consideram que o ensino de leitura/produção textual com base nos gêneros poderá trazer importantes contribuições para a mudança de forma de tratamento da produção textual na escola. Esta grande mudança tem acontecido nas aulas de língua portuguesa, nela está a “chegada” dos gêneros textuais à sala de aula, entretanto, nossos educandos não precisam apenas de características de cada gênero, precisam ter contato direto, precisam ser leitores, experimentar, para que o aprendizado seja efetivo e auxilie na formação integral de nossos alunos.

Faz-se, portanto, necessário, que a escola estimule as crianças, já que é neste ambiente que ela aprimora o contato social com várias pessoas e situações diferentes daquelas vivenciadas no ambiente familiar, é também a escola, responsável por dar subsídios para que a criança desenvolva o ato de pensar e criar, que deve acontecer por meio de recursos pertinentes, num ambiente favorável, com professores que facilitem e criem situações para que seus alunos exercitem estas habilidades e tenham relação com a vida desses seres, favorecendo assim o amadurecimento do educando, a formação individual, social e integral deste indivíduo, bem como seu progresso no raciocínio e criatividade para lidar com as diversas situações que a vida lhes proporcionará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FACCI, Marilda G. Dias. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor refle-*

xivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010b.

LUFT, C. P. *Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna*. São Paulo: Ática, 1994.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.